

from Sparta or Leviathan. He is a citizen of the Kingdom of God, and therefore his paramount and all-embracing aim is to attain the highest degree of communion with, and likeness to, God himself; his relations with his fellow men are consequences of, and corollaries to, his relations with God; his way of loving his neighbour as himself will be to try to help his neighbour to win what he is seeking for himself — that is, to come into closer communion with God and to become more godlike" (págs. 246-247). Na realidade, tudo isto é muito claro. Mas, sem querermos nos colocar ao lado de Frazer, achamos justa uma pergunta a Toynbee: raciocinariam aqueles cristãos dos primeiros séculos, impressionados com a iminência do fim do mundo e preocupados acima de tudo com a própria salvação, com a mesma frieza lógica de um historiador-filósofo do século XX?

Quanto ao método, naturalmente, o que há são pequenas passagens relativas a princípios que foram fartamente aplicados no "Study of History" e que conduzem sempre à conclusão — que nos parece totalmente incontestável — da impossibilidade de se poder fazer história nacional (qualquer que seja ela), dentro de estreitos limites de espaço e tempo. E é ainda nesta base que se apoia o A. para enunciar o que constitui a verdadeira missão do historiador no mundo atual: "History... makes, I feel, the following call upon historians of our generation and of the generations that will come after ours. If we are to perform the full service that we have the power to perform for our fellow human beings — the important service of helping them to find their bearings in a unified world — we must make the necessary effort of imagination and effort of will to break our way out of the prison walls of the local and short-lived histories of our own countries and our own cultures, and we must accustom ourselves to taking a synoptic view of history as a whole" (págs. 158-159). E o preenchimento desta missão é tanto mais urgente quanto "Personally, I do not believe that this antediluvian Western traditional historical outlook is going to last much longer. I have no doubt that a re-orientation is in store for us in our turn, and in our case, I fancy, it will be one in the literal meaning of world" (pág. 63).

PEDRO MOACYR CAMPOS.

---

BOUTON (André). — *Les voies antiques: les grands chemins médiévaux et les routes royales du Haut-Maine, Département de la Sarthe.* Le Mans, Imprimerie M. Vilaire, 1947. 228 p., 13 grav. e 2 cartas.

Neste volume estuda o A. os caminhos antigos de uma pequena região da França — o Departamento de Sarthe — tendo como centro a cidade de Le Mans. Desnecessário insistir na importância e no interesse de estudos dessa natureza para a compreensão dos fatos históricos e econômicos dum país. O A. é da região estudada, conhece-a bem, percorreu quase todos os caminhos estudados e, ao contrário do que éle próprio imaginou, não lhe escassearam os documentos para a elaboração de seu trabalho. Serviu-se de tudo quanto lhe puderam fornecer a toponímia, a cartografia, a arqueologia, a epigrafia: mapas antigos, tábuas, itinerários, desenhos, relatos de viagem, reproduzindo no seu livro diversas fotografias, principalmente de mapas e de desenhos constantes de vitrais e de baixos relevos. Aos historiadores brasileiros que, direta ou indiretamente, têm se interessado pelo estudo das vias de comunicação, um ligeiro contacto com a obra de André Bouton não faz senão contrastar as condições que o estudo desse tema oferece num país novo como o nosso, onde as estradas mais antigas não remontam além do século XVI, com um país de civilização milenar como a França. A abun-

dância de documentação que existe sobre a rede de caminhos antigos que converge para Le Mans, contrastada, com a carência de documentos que existe, por exemplo, sobre o caminho do mar ou os caminhos para as zonas de mineração...

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

BRESSOLLES (Monsenhor). — "Doctrine et action politique d'Agobard. I — Saint Agobard, évêque de Lyon (769-840). Librairie Philosophique J. Vrin. Paris. 1949, 134 páginas.

Basta nos interessarmos por algum tema de estudo relativo aos primeiros séculos da Idade Média para que verifiquemos imediatamente uma série de dificuldades, não só no tocante às próprias fontes, mas também no que diz respeito à bibliografia especializada. De fato, compreende-se que épocas como a das Cruzadas e a do fim da Idade Média apresentem muito maior atrativo aos olhos dos estudiosos do que os séculos VI, VII, VIII ou IX, em que mesmo as mais decisivas e afamadas personalidades não nos são acessíveis senão sob certos portos de vista. Apenas para destacar dois exemplos, dentre a multiplicidade de casos semelhantes, lembremos Clovis, cuja "psicologia é e permanecerá sempre desconhecida", e o próprio fundador do Império Franco, a respeito do qual, há poucos anos, podia ainda Calmette dizer que, "por mais estranha que possa parecer a asserção, não há livro verdadeiramente satisfatório sobre a história de Carlos Magno." Se tal se verifica com personagens desta envergadura, que dizer, então, dos outros que, mesmo desempenhando papéis de relêvo na sua época, não dispuzeram de posições que lhes permitissem surgir em toda a evidência aos olhos da posteridade? — Que dizer, por exemplo, de Ebroino, Wala, Gottschalk, Hincmar e tantos outros?

Dai decorre, naturalmente, o significado dos estudos a respeito de personalidades dos primeiros séculos medievais, estudos áridos — sem dúvida — de leitura nem sempre agradável, mas de grande importância por darem uma contribuição ao conhecimento dos próprios fundamentos sobre os quais edificou-se a brilhante Idade Média dos séculos XII e seguintes. E entre tais estudos incluí-se a recente publicação feita em Paris pela Librairie Philosophique J. Vrin, intitulada "Saint Agobard, évêque de Lyon", de autoria de Mgr. Bressolles; trata-se apenas do primeiro volume de uma série de três que fazem parte da coleção que, sob a direção de H. X. Arquillière, é dedicada às relações entre o Estado e a Igreja na Idade Média.

Já pelas primeiras páginas conquista o A. a nossa simpatia, uma vez que procura situar a sua personagem no tempo, mostrando como foi ela tratada pelos historiadores, do século XVII aos nossos dias, mostrando-nos diversos Agobardos, variando conforme as condições da época, porque: "les historiens appartiennent eux-mêmes à l'Histoire. Ils sont de leur temps, ils en partagent les idées, les préjugés, les passions quelquefois... Nous ne rencontrons, en réalité, que des jugements d'historiens" (p. 12). E, por isso, vemos um Agobardo faccioso e sedicioso no século XVII, outro, penitente, no século XVIII, e um terceiro, no século XIX, encarado sob o prisma das idéias então dominantes de liberdade, soberania popular e laicização. Mgr. Bressolles propõe-se, então, reconstituir o seu Agobardo, baseando-se para isto no estudo das idéias do bispo de Lião, às quais não foi concedida ainda toda a atenção que merecem. O objetivismo e a imparcialidade invocados são de molde a tranquilizar o leitor: "Nous n'entreprenons pas une apologie. Nous nous penchons, à notre tour, sur les pièces d'un vieux procès dont nous